

## Introdução

Toda coerência é, no mínimo, suspeita.

**Nelson Rodrigues**

No dia 4 de Dezembro de 1967 Nelson Rodrigues iniciava as suas “Confissões”, coluna de crônicas de costumes que escreveu diariamente em “O Globo” até 1980. Durante o período 1967 até 1974, Rodrigues travou um persistente combate intelectual contra os mais diversos setores progressistas e liberais da sociedade que defendiam desde a revolução socialista até a transformação dos hábitos sexuais, sentimentais, familiares e religiosos.

Ao longo de sua vida pública, Nelson Rodrigues teve a imagem ligada a vários estereótipos: gênio revolucionário de vanguarda, crítico ferrenho da moral burguesa, autor maldito, obscuro e tarado, dentre outros. Entretanto, desde 1961, ao começar a escrever no semanário conservador *Brasil em Marcha*, todos estes epítetos perdem força diante da consolidação de um único personagem: o reacionário. O termo viria ganhar toda significação que teve na produção literária do autor a partir de 1967 com as “Confissões”.

Recentemente, as “Confissões” de Nelson Rodrigues foram reeditadas, e organizadas cronologicamente em três coletâneas publicadas sob os títulos de, respectivamente, *Óbvio ululante*, *Cabra vadia* e *O reacionário*.

A *Cabra vadia*, coletânea que perpassa as confissões de 14/1/1968 à 31/10/1968, inicia com uma crônica intitulada “Ex-covarde”. Neste texto, Nelson Rodrigues relata uma conversa sua com Marcello Soares de Moura na redação de O GLOBO. Nela, Moura começa perguntando a Nelson: “você que não escrevia sobre política, por que é que agora só escreve sobre política”. E insiste: “Nas suas peças não há uma palavra sobre política. Nos seus romances, nos seus contos, nas suas crônicas, não há uma palavra sobre política. E, de repente, você começa suas *confissões*. É um violino de uma corda só. Seu assunto é só política. Explica: - por quê?” (Rodrigues, 2001: 13). Nelson, então, responde declarando-se um “ex-covarde”.

Ao longo da crônica, Nelson Rodrigues se contrapõe à hegemonia do pensamento de esquerda no contexto intelectual em que escreve, e aponta o medo, principalmente o medo dos jovens, como responsável pela adesão às idéias mais em voga na época:

(...) o medo começa nos lares, e dos lares passa para a igreja, e da igreja para as universidades, e destas para as redações, e daí para o romance, para o teatro, para o cinema. Fomos nós que fabricamos a “Razão da idade”. Somos autores dessa impostura e, por medo adquirido, aceitamos a impostura como a verdade total. (Rodrigues, 2001: 14)

Nelson Rodrigues afirma, porém, que depois de muito tempo em silêncio, e negando-se a tocar em assuntos políticos, ganhara a coragem de se afirmar reacionário, de se colocar contra as revoluções russa e cubana, contra o “Poder jovem” e ainda preferir a experiência concreta do capitalismo a do socialismo: “É maravilhoso dizer tudo. Para mim, é de um ridículo abjeto ter medo das Esquerdas, ou do Poder jovem, ou do Poder Vermelho, ou de Mao Tse-tung, ou de Guevara”. (Rodrigues, 2001: 16)

Assim, o antigo Nelson Rodrigues que costumava sustentar ferozmente seu antiintelectualismo, passa a exercer de forma mais categórica do que nunca, em sua carreira, o papel de intelectual. Paradoxalmente, apesar de insistir na crítica ao engajamento artístico, vai utilizar o espaço das crônicas para se engajar com todo o vigor nos diversos debates de cunho político que marcaram a passagem da década de 1960/70, transformando suas “Confissões” numa espécie de tribuna de defesa dos valores e costumes tradicionais, do pensamento de direita e por consequência do regime militar autoritário.

Ocorre, então, uma abrupta transformação na imagem pública de Nelson Rodrigues: a metamorfose do personagem “autor teatral maldito e obscuro” das décadas de 1940/50, para o “cronista reacionário” do período de 1960/70.

É difícil explicar simplificada e simplesmente essa transformação de Nelson Rodrigues em “intelectual engajado de direita”, se é que houve tal mudança: “Mas vocês estão espantados por quê?”, perguntava Otto Lara Resende, quando alguns se queixavam de que Nelson se tornara um reacionário. ‘O Nelson sempre foi isso, sempre foi assim, explicava Otto.’” (Castro, 2002: 374).

Um dos possíveis motivos dessa guinada para o personagem público que Nelson passara a encarnar na década de 1960, principalmente nas “Confissões”, está na sua queixa das tendências coletivistas do contexto, interpretadas por ele como fruto da massificação promovida pelas técnicas modernas de comunicação e pela ideologia política de esquerda. Nelson Rodrigues julgava viver numa época em que poucos ousavam arriscar uma opinião pessoal. Via, dessa forma, o contexto da década de 1960 como o lugar das unanimidades e do consenso em torno das convicções de esquerda, de modo que enquadrava seus adversários da seguinte forma: “Reitores, professores, sociólogos, intelectuais de todos os tipos, jovens e velhos, mocinhas e senhoras. E também os jornais e as revistas, o rádio e a tv. Quase tudo e quase todos exalam abjeção”. (Rodrigues, 2001: 13)

De fato, uma das grandes questões que perpassa as “Confissões” é a da ausência das individualidades marcantes de outrora: “(...) Cada qual assume a forma impessoal, numerosa e irresponsável da assembléia, do comício, do manifesto, da passeata e da unanimidade. Só agimos, só sentimos, só amamos em massa. Sim, estamos todos massificados” (Rodrigues, 2001: 163). Nelson vinha de uma camada tradicional da sociedade, que louvava os grandes líderes e os grandes autores. E no caso específico dos anos 1960 esse era um momento de mudanças radicais e de um sentimento coletivo de participação nessas transformações. Para Ruy Castro, biógrafo de Nelson Rodrigues:

Poucas as épocas foram tão apaixonadas por si mesmas quanto 1968. Ninguém ousava desafiá-la. Exceto Nelson nas “Confissões”.

Elas deixaram de ser uma continuação das ‘memórias’<sup>1</sup> para tornar-se uma zona de combate entre Nelson e o mundo em rápida transformação. (Castro, 2002: 368)

Nelson Rodrigues, então, teorizava:

Primeiro, o homem não sabia estar só. Andava sempre em hordas ululantes. E quando, por acaso, desgarrava dos demais, uivava até morrer. Era assim o medo que juntava os homens e repito:- a multidão nasceu do medo. E o ser humano só se tornou humano, e só se tornou histórico quando aprendeu a ficar só (Rodrigues, 2002 b: 281).

<sup>1</sup>As “Memórias” de Nelson Rodrigues foram escritas no “Correio da Manhã”, no período de 6 meses antes de Nelson ir para o Globo escrever as “Confissões” .

Posicionava-se explicitamente contra o discurso homogeneizador, a favor das diferenças. “A multidão não tem cara (...) não é humana, não tem nada a ver com a condição humana” (Rodrigues, 2002 b: 281)

Nesse sentido, ao defender hiperbolicamente que é no gesto individual e particular que se encontra o que há de mais humano, e afirmar que somente no abandono das ações coletivas é que se chega ao Homem, justifica conseqüentemente o título de suas crônicas: “Confissões”.

As “Confissões”, então, são o resultado de 40 anos de experiência nos jornais - “A Manhã”, “Crítica”, “O Globo”, “O Cruzeiro”, “O Jornal”, “Diário da Noite”, “Última hora”, “Manchete” e “Jornal dos Sports” - escrevendo desde reportagens policiais, futebol, crítica, crônica, contos, folhetim, e consultórios sentimentais. Nelson Rodrigues afirma, utilizando seu estilo melodramático, “ter visto tudo” e vivido todas as tragédias possíveis, e que, em função disso, chegara a um ponto em que tinha coragem de dizer tudo sem medo. Era, portanto, um “ex-covarde”. Não precisaria mais se esconder por trás de gostos e opiniões consensuais, confessaria todas as suas abjeções, e exporia seu sincero posicionamento sobre os temas e fatos do mundo ao seu redor.

Um bom exemplo de como Nelson enxergava nos personagens sociais nada além de uma pose e nunca a verdade de suas opiniões é a invenção da “entrevista imaginária”. A “entrevista imaginária” seria um recurso utilizado nas crônicas para arrancar confissões inusitadas dos protagonistas das décadas de 1960/70. Segundo ele, a entrevista real é uma farsa. Nela, o entrevistado jamais dizia a verdade, e apenas repetia discursos prontos. Entretanto, na entrevista imaginária, realizada à meia-noite num terreno baldio sob a presença exclusiva de uma cabra vadia, o entrevistado fala as verdades mais insuspeitas e individuais.

Assim, a confissão como uma forma de se chegar à veracidade dos fatos, é conseguida, paradoxalmente, através da entrevista imaginária. Esta evidência outro aspecto decisivo nas crônicas que é o contorno ficcional no trato dos acontecimentos, dos temas e dos indivíduos.

Nelson Rodrigues começou sua carreira como repórter policial. Na “velha imprensa”, como ele chamava, notícia e ficção caminhavam juntas quase que indistintamente. Ruy Castro dá o panorama do que era a reportagem policial da época:

A “caravana” era onipotente. Não se limitava a entrevistar os parentes da vítima ou do assassino. Quando chegavam antes da polícia, repórter e fotógrafo julgavam-se no direito de vasculhar as gavetas da família e surrupiara fotos, cartas íntimas e róis de roupa do falecido. Os vizinhos eram ouvidos. Fofocas abundavam no quarteirão, o que permitia ao repórter abanar-se com um vasto leque de suposições. Como se não bastasse, era estimulado, quase intimado pela chefia a mentir descaradamente (no futuro Nelson lamentaria: “Hoje o repórter mente pouco, mente cada vez menos”). De volta à redação, o repórter despejava o material na mesa do redator e este esfregava as mãos antes de exercer sobre eles os seus pendores de ficcionista.

No começo, deram a Nelson o trabalho mais reles: fazer por telefone a ronda das delegacias. Mas ele não demorou a espantar os colegas, quase todos fatigados de berço, por sua facilidade para emprestar carga dramática aos toscos relatórios que os repórteres traziam da rua. (Castro, 2002: 47)

Partindo da defesa desse tipo de imprensa contra o jornalismo funcionalista, calcado na informação e na objetividade, Nelson Rodrigues, a fim de defender suas opiniões sobre os temas em voga no contexto, povoará suas confissões de centenas de situações ficcionais (ou semi-ficcionais) envolvendo um elenco de personagens caricaturais criados por ele, tais como: a aluna de psicologia da Puc, o padre de passeata, as freiras de mini-saia, as grã-finas amantes espirituais de Che-guevara, Alceu Amoroso Lima (o “doutor” Alceu), Dom Helder Câmara, o “poder jovem”, as esquerdas do Antonio’s, as feministas, entre outros.

Nesse sentido, esse trabalho é uma análise das “Confissões” de Nelson Rodrigues da perspectiva do personagem/narrador encarnado pelo cronista em seus escritos. Não há, portanto, uma intenção de atingir a verdade sobre o homem Nelson Rodrigues, nem sequer a extensão de apresentar um retrato ideológico desse homem.

O propósito deste trabalho é, a partir da leitura das crônicas, fazer emergir esse personagem/narrador Nelson Rodrigues que trabalha na fronteira da ficção e da confissão. Narrador que cria outros personagens a partir das figuras públicas do Brasil daquele momento. Caberá verificar, então, como Nelson Rodrigues ficcionaliza a si próprio e aos outros protagonistas da década de 1960/70;

Optar por esse caminho não significa despolitizar as “Confissões”, mas sim, propor uma análise que não pretende chegar à origem dos conflitos da passagem da década de 1960 para 1970, nem do pensamento de Nelson (a um Nelson “puro”, “verdadeiro”), mas sim deixar vir à tona, ao mesmo tempo, a

lucidez e as contradições de seu pensamento, para chegar a conclusões heterogêneas sobre a época, que criem sentidos móveis, fundamentalmente contextuais e não essenciais.

O discurso de Nelson Rodrigues nas “Confissões” dilui de tal forma as fronteiras entre a voz autobiográfica e a invenção de personagens e fatos que fica difícil separar um domínio do outro. O olhar de Nelson, sem deixar de ser ideológico, ficcionaliza o mundo ao seu redor, donde a opção por uma interpretação pluralista das crônicas se justifica.

Outro importante fator que justifica a escolha desse viés de análise é o gênero dos textos em questão, isto é, a crônica. A crônica é um gênero literário ambíguo que trabalha nos limites entre o jornalismo e a literatura. Além disso, a crônica, de forma híbrida, mistura livremente informação e opinião pessoal, futilidades e assuntos sérios, presente e passado. Como observa Guiseppe Zani: “Contra a impessoalidade e a objetividade do texto jornalístico, a crônica apresenta um narrador que relata, em primeira pessoa e agrega julgamentos de valor a partir da experiência do cronista” (Zani, 2004:56).

De acordo com Zani, no Brasil, a crônica data de 1852, quando surge sob o nome comum de “*folhetim*” para designar um rodapé do jornal onde eram publicadas notas informativas, contos, poemas, artigos, entre outros textos que tratassem dos assuntos daquele tempo. Nomes como José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Raul Pompéia, Machado de Assis escreveram nesse estilo.

A respeito da indefinição do gênero, que comportava as mais variadas formas textuais, Machado de Assis dissertaria em uma crônica em 1859:

O folhetim, disse eu em outra parte, e debaixo de outro pseudônimo, o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista. Esta afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação.

O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Estes dois elementos, afastados como pólos, heterogêneos como água e fogo, casam-se na organização do novo animal.

Efeito estranho é este, assim produzido pela afinidade assinalada entre o jornalista e o folhetinista. Daquele cai sobre este a luz séria e vigorosa, a reflexão calma, a observação profunda. Pelo que toca ao devaneio, à levianidade, está tudo encarnado no folhetinista mesmo; o capital próprio. (Assis, apud Zani, 2004: 50)

É importante lembrar ainda que Nelson Rodrigues não só trabalhara como jornalista como também por décadas publicara os contos “A vida como ela é”, de maneira que, Nelson pode ser entendido como um cronista típico, de acordo com a concepção de José Marques de Melo, que entende o gênero como um texto em que “os fatos são apenas um pretexto para o autor da crônica, na qual a associação de idéias, o jogo de palavras e conceitos, as contraposições, misturam o real e o imaginário como forma de fazer realçar o primeiro” (Melo apud Zanni, 2004: 49).

Assim, além do fato de estarmos trabalhando com um jornalista que tinha um estilo único e uma visão ímpar do seu contexto, este escrevia em um espaço descompromissado com os critérios de objetividade que orientam o resto da produção jornalística, impossibilitando ainda mais um tipo de interpretação linear de busca da origem única do objeto em questão.

Partindo, então, da opção por uma análise contextual, heterogênea, focada no universo das crônicas “Confissões” e direcionada para a interpretação do personagem/narrador Nelson Rodrigues, criador de outros personagens e fatos, optamos por expor no primeiro capítulo do trabalho, apenas um panorama histórico geral do pensamento artístico e intelectual da primeira metade do século XX, com o objetivo de traçar um breve quadro dos assuntos que seriam pauta da discussão entre Nelson Rodrigues e o pensamento progressista e de esquerda da década de 1960.

A retomada ampla e geral da história do pensamento político e cultural até a década de 1960, nos permitirá entender melhor as raízes das discussões do contexto em torno de temas como: a ação do intelectual no meio público como defensor dos direitos humanos universais; a construção de uma identidade nacional em diálogo com as influências estrangeiras; a recuperação da cultura popular e sua relação com a cultura letrada, a relação entre arte e política, a tensão entre os direitos e anseios do indivíduo e do coletivo.

Apresentado tal cenário, no segundo capítulo analisamos as “Confissões” e, conseqüentemente, o debate entre Nelson Rodrigues, o pensamento de esquerdas e a vanguarda artística. Esse capítulo se concentrará em examinar a visão de Nelson sobre as décadas de 1960/70, ou seja, sua percepção ideológica e ficcional do contexto, sua narração estilística e paródica dos personagens e

acontecimentos, e seu julgamento tático e confessional no embate com outros intelectuais e artistas do período.

Para tanto utilizaremos exemplos extraídos dos três livros de coletânea de “Confissões”, cronologicamente: *O óbvio ululante*, *A cabra vadia* e *O reacionário*. Como já foi argumentado anteriormente, não iremos propor nesse trabalho uma investigação de cunho biográfico, tampouco uma análise histórica do período entre 1960 e 1970. Nosso objeto de estudo são as crônicas “Confissões” tais como editadas nos três volumes. O objetivo é explorar a interpretação/criação dos anos 1960/70 que Nelson Rodrigues propõe nesses textos.

No terceiro capítulo finalizamos a análise das “Confissões” trazendo a discussão para a contemporaneidade. Nossa proposta é a de tentar mostrar de que forma o debate entre Nelson e os movimentos engajados do período podem ser relevantes na análise da crítica contemporânea às concepções e práticas modernas. De acordo com David Harvey:

Embora fracassado ao menos a partir dos seus próprios termos, o movimento de 1968 tem de ser considerado, no entanto, o arauto cultural e político da subsequente virada para o pós-modernismo. Em algum ponto entre 1968 e 1972, portanto, vemos o pós-modernismo emergir como um movimento maduro, embora ainda incoerente, a partir da crisálida do movimento anti-moderno dos anos 1960. (Harvey, 1992: 45)

E mais adiante, Harvey, ainda sentencia:

A crise moral do nosso tempo é uma crise do pensamento iluminista. Porque embora esse possa de fato ter permitido que o homem se emancipasse da comunidade e da tradição da idade média em que sua liberdade individual estava submersa, sua afirmação do “Eu sem Deus”, no final, negou a si mesmo, já que a razão, um meio, foi deixada, na ausência de Deus, sem nenhuma meta espiritual ou moral. (Harvey, 1992: 47)

Em diversas “Confissões”, Nelson Rodrigues entraria em embate com o seu momento histórico. Seus valores a respeito de sexo, amor, família, religião, política e arte (até teatro), pareciam ultrapassados para toda uma geração que insurgia contra eles e contra o regime autoritário que os representava.

Dessa forma, na sua batalha diária contra os “Jovens” e as “esquerdas” Nelson Rodrigues iria escrever crônicas que na época seriam vistas como representação do pensamento conservador e retrógrado, mas que atualmente ressurgem, também, como signo de um pensador que tematizou esse contexto de forma extemporânea, levantando problemas imperceptíveis para a maioria que vivia o período e, não raro, prevendo acontecimentos e elementos do debate ético-político contemporâneo quando em vias de formação.

Nesse terceiro capítulo, não estaremos realizando, todavia, uma leitura dicotômica que aponte nas “Confissões” a “verdade” escondida do contexto em contradição com os “erros” de julgamento dos movimentos de vanguarda artística e política. O que propomos apenas é destacar de que forma Nelson Rodrigues como um autor que se opôs ao pensamento hegemônico entre os intelectuais de sua época levantou questões fundamentais em relação aos dilemas atuais concernentes à cultura de massa e suas representações sociais, tais como a juventude, o erotismo e à decadência do discurso político, a globalização cultural e suas consequências éticas.

Nosso propósito no terceiro capítulo, portanto, será o de mostrar como, sob determinada perspectiva, Nelson Rodrigues se contrapunha à crítica progressista e esquerdista ao costumes tradicionais e à alienação dos meios de comunicação de massa, por achar que esta crítica era igualmente alienante, na medida em que suprimia do seu discurso a valorização da opinião individual.

Talvez a geração que viveu a virada dos anos 60 para os anos 70 tenha sido a última a utilizar conceitos como natureza, essência, igualdade e utopia. Sem dúvida, foi uma geração que, pelo profundo envolvimento com a política, buscou associar sua imagem a uma ética de justiça e igualdade que vem sendo alvo de um desinvestimento nos dias de hoje. Contudo, foi também a geração que participou, numa outra direção, do início da expansão da publicidade, do estilo de vida consumista contemporâneo e da dissolução dos laços tradicionais de pertencimento social, familiar e nacional.

Nelson Rodrigues em seu tempo foi um dos poucos intelectuais e artistas, capazes de perceber essa complexidade e essa contradição, donde a característica ímpar do seu lugar em meio ao jornalismo, à literatura e à crítica cultural do país.